

## POR ONDE CAMINHA O PROJETO ALIB

### *WHERE ALIB PROJECT HAS BEEN LATELY*

Jacyra Andrade Mota

Universidade Federal da Bahia/CNPq

Suzana Alice Marcelino Cardoso

Universidade Federal da Bahia/CNPq

À Cláudia,  
que sempre entendeu o sentido do  
Projeto ALiB e lhe deu caloroso  
apoio em todos os momentos.

#### RESUMO

Neste artigo, apresenta-se uma breve informação sobre o estágio atual do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, com destaque para a constituição do *corpus*, a organização do Banco de Dados e para alguns resultados, procurando-se mostrar os caminhos percorridos. Nesse sentido, mostra-se o processo de constituição do *corpus*, a natureza dos dados a recolher e dificuldades a vencer; a importância de um arquivamento dos dados de maneira a permitir ampla consulta; e apresentam-se alguns resultados que apontam para a relevante contribuição advinda dos estudos geolinguísticos para o aprofundamento do conhecimento da língua portuguesa no Brasil.

**Palavras-chave:** Atlas linguístico; Geolinguística; Português do Brasil.

#### ABSTRACT

In this article we present some information about the current status of the Linguistic Atlas Project of Brazil focusing on the way its *corpus* is formed, the organization of the database and some results, trying to show what has been done so far. We show the process of *corpus* formation, the nature of the data to be collected and the difficulties to overcome, as well as the importance of filling data in order to allow ample consultation. We also present some results that reveal the relevant contribution of the geolinguistic studies for a deeper knowledge of Brazilian Portuguese.

**Keywords:** Brazilian Portuguese; Geolinguistics; Linguistic Atlas.

## INTRODUÇÃO

O Atlas Linguístico do Brasil, um desejo afluído, entre os dialetólogos brasileiros, nos começos do século XX, e endossado pelo Governo Brasileiro, em 1952, com a promulgação do Decreto nº 30.643, de 20 de março, ganha corpo a partir de 1996 e hoje tem, praticamente, constituído o amplo *corpus* que retratará de forma intercomparada, pela primeira vez, a realidade do português como se apresenta do Oiapoque ao Chuí.

São 8.511.000 km<sup>2</sup> explorados em viagens de carro, de ônibus, de avião, de barco, de mototaxi, de táxi, na carona dos amigos para documentar um total de 1.100 informantes, entre homens e mulheres, entre jovens e idosos, entre universitários e portadores do curso fundamental. São três questionários linguísticos, a que se acrescentam questões de pragmática, temas para discursos semidirigidos, perguntas metalinguísticas e um texto para leitura. São, aproximadamente, 3.300 horas de gravação de fala direta, colhida *in loco* e a 550 homens e a 550 mulheres nascidos nas localidades em causa, distribuídos por duas faixas etárias — 18 a 30 anos e 50 a 65 anos — e, nas capitais, por dois graus de escolaridade — fundamental e universitário. Nas demais localidades registram-se apenas 4 informantes, com o grau fundamental preferentemente incompleto.

O Projeto ALiB é coordenado por um Comitê Nacional, que se constitui, atualmente, pelos pesquisadores: Suzana Alice Cardoso (Diretora-Presidente, Universidade Federal da Bahia), Jacyra Andrade Mota (Diretora Executiva, Universidade Federal da Bahia) e dos Diretores Científicos: Abdelhak Razky (Universidade Federal do Pará), Ana Paula Antunes Rocha (Universidade Federal de Ouro Preto), Aparecida Negri Isquerdo (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), Cléo Altenhofen (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Maria do Socorro Aragão (Universidade Federal da Paraíba/Federal do Ceará), e Vanderci de Andrade Aguilera (Universidade Estadual de Londrina). Integraram, também, este Comitê, como Diretores Científicos, os saudosos colegas Mário Roberto Lobuglio Zágari (Universidade Federal de Juiz de Fora) e Walter Koch (Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

Do estágio em que se encontra o Projeto ALiB nos ocuparemos nesta homenagem à querida colega Cláudia Roncarati, que sempre acompanhou com entusiasmo e com palavras de estímulo este nosso projeto nacional.

## 1. A constituição do *corpus*

Para a constituição do *corpus* do Projeto ALiB foi estabelecida uma rede de 250 localidades, selecionadas em função da distribuição geográfica e da densidade populacional dos estados e das regiões brasileiras.

A extensão do país e, em certas áreas, a pouca disponibilidade de vias de acesso ou a dificuldade que elas oferecem — como em algumas localidades do Amazonas e de Mato Grosso — representaram obstáculos vencidos pelos pesquisadores responsáveis pelos inquéritos nesses Estados<sup>1</sup>. Outras dificuldades inerentes à pesquisa geolinguística relacionam-se à busca de informantes dentro do perfil pré-fixado pela metodologia do projeto, como, por exemplo, o curso fundamental incompleto, devido aos atuais programas de educação para adultos, largamente difundidos; a presença dos dentes essenciais para a produção de determinados sons; a mobilidade atual do homem moderno.

Graças ao esforço coletivo, conta-se, hoje, com a pesquisa inteiramente completa em 19 estados — Amapá, Roraima, Amazonas, Pará, Acre, Rondônia, Tocantins, Maranhão, Ceará, Alagoas, Sergipe, Bahia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, São Paulo, Espírito Santo, Paraná e Santa Catarina — e iniciada em todos os outros, com percentuais já atingidos que variam de 40% a 81%, como se observa no Mapa **Pesquisa de campo - Aplicação dos questionários**.

Em percentuais, a documentação levantada atinge, ao final de 2011, os índices de 91.6 % do total das localidades e de 92.4% dos inquéritos previstos.

---

<sup>1</sup> Áreas documentadas pelas Diretoras Científicas Aparecida Negri Isquerdo e Vanderci de Andrade Aguilera.

FIGURA 1: projeto ALiB: andamento da pesquisa de campo



Fonte: Ata da XXXIV Reunião do Comitê Nacional do Projeto ALiB

## 2. O armazenamento dos dados

Uma dentre as muitas questões que se põem para a pesquisa linguística diz respeito ao modo de arquivamento dos dados, da sua facilitação no uso e de como socializar os resultados, facultando o acesso às informações pela comunidade interessada.

Uma forma de responder a esse tipo de preocupação está relacionada à constituição de bancos de dados, concebidos nas suas mais diferenciadas formas de organização e de possibilidades de acesso. Entendendo a pertinência desse tipo de interesse científico-acadêmico, o Comitê Nacional que dirige o Projeto Atlas Linguístico do Brasil tem envidado esforços no sentido de construir o Banco de Dados do Projeto ALiB. Para isso, vem contando, presentemente, com o apoio do CNPq que entendeu a relevância da questão e atendeu a pedido de financiamento com esse objetivo específico. Assim, a Comissão de Informatização e Cartografia (CIC) do Projeto ALiB, que tem na sua estrutura a presença de professores do Departamento de

Letras Vernáculas (Instituto de Letras), do Departamento de Transportes (Escola Politécnica) e do Departamento de Teoria da Computação (Instituto de Matemática), vem implementando o banco sobre cuja constituição se passa a informar. No que tange, especificamente, à parte relativa à computação de dados, o trabalho se desenvolve sob a coordenação da Profa. Dra. Daniela Claro, do Departamento de Teoria da Computação, membro da nossa equipe ALiB/BA e integrante da CIC.

O Projeto ALiB deu os seus primeiros passos em novembro de 1996, por ocasião do *Seminário Caminhos e perspectivas para a Geolinguística no Brasil* (Salvador, UFBA), momento a partir do qual se toma a iniciativa de constituição de um projeto nacional cujo desenvolvimento vem acontecendo segundo a trilha delineada. No que diz respeito à constituição do *corpus*, com a realização dos primeiros inquéritos linguísticos feitos em Quirinópolis (Goiás), em 2001, pela Diretora Científica Vanderci de Andrade Aguilera, se inicia a coleta de dados que, hoje, está perto de ser concluída.

Com o *corpus* quase integralmente constituído e com os estudos de análise dos dados já em andamento, sobretudo os referentes às capitais de estado que constituirão os primeiros volumes do atlas linguístico do Brasil, o Comitê Nacional de há muito vem se empenhando para a organização de um Banco de Dados, necessário e urgente para se armazenar o grande volume de informação que se tem recolhido, um Banco de Dados que reúna, de forma orgânica, clara, com uma capacidade de consulta rápida e eficaz, o amplo *corpus*.

Este *corpus*, já em vias de fechamento da sua constituição, é o resultado da aplicação dos Questionários ALiB que compreendem:

- Questionário Fonético-Fonológico, que inclui questões de prosódia (170 questões);
- Questionário Semântico-Lexical (202 questões);
- Questionário Morfossintático (49 questões);
- Questões de pragmática (4 questões);
- Temas para discurso semidirigido (4 itens);
- Perguntas metalinguísticas (6 questões);
- Texto para leitura (um texto).

Como se pode observar, o conjunto de itens, que se investigam, atinge, de forma global, um total de 436 diferentes questões. Se considerarmos que temos um total de 1.100 informantes, que representam 250 localidades distribuídas por todo o território nacional, teremos, então, um total geral de 479.600 itens a serem catalogados. Todavia, mister se faz destacar que as respostas para cada item são, em muitos casos, múltiplas porque refletem a variedade de usos e a diversidade lexical. E isso amplia, consideravelmente, o número total de dados a considerar. Se complementarmos a nossa conta com a previsão de horas de gravação, estabelecendo uma média de três horas de gravação por informante, teremos aproximadamente 3.300 horas de registro oral da fala de brasileiros que se distribuem do Oiapoque ao Chuí, respectivamente, ponto 001 e ponto 250 da rede de localidades do ALiB.

Por que toda esta matemática, há de se indagar. Por uma razão simples, mas com várias motivações. Primeiramente, com um *corpus* tão amplo é preciso um mecanismo de consulta que permita, de forma ágil e eficaz, encontrar-se o dado procurado. Em segundo lugar, os dados sonoros não podem ser desprezados e devem ser, igualmente, atingíveis. Em terceiro lugar, o Projeto tem o compromisso social de facultar a consulta aos dados por pesquisadores e interessados na área.

Com a amplitude que o caracteriza, o *corpus* do ALiB exige mecanismos de catalogação que assegurem o controle absoluto dos registros feitos.

Assim, no momento da aplicação do questionário a cada informante, registram-se os seus dados em ficha específica. A FICHA DE INFORMANTE contempla um conjunto amplo de informações que vão subsidiar a análise linguística, fornecendo um aporte sociolinguístico que pode elucidar usos e responder a indagações referentes a características e peculiaridades que se venham a encontrar em determinadas áreas. Tais informações são também alvo de controle e oferecem a possibilidade de cruzamento de dados.

O Projeto requer um processo de informatização que abrigue um sistema capaz de gerenciar os dados coletados em campo e de disponibilizar e disseminar as informações adquiridas com os inquéritos realizados com os informantes. A socialização destas informações deverá ocorrer em nível nacional e internacional, a fim de compartilhar, com as outras

regionais do próprio Projeto e com outros projetos, os dados coletados e, conseqüentemente, iniciar novas frentes de pesquisa.

Desse modo, está o Banco de Dados impulsionado por diferentes razões que conduzem aos objetivos a serem atingidos:

- Necessidade de armazenamento dos dados coletados;
- Facilidade e agilidade na recuperação das informações desejadas;
- Utilização da Web para o gerenciamento dos dados coletados;
- Disponibilização de consultas através da Internet, ou seja, sem limite geográfico;
- Consultas em mapas geográficos;
- Acesso à fala (áudio) dos informantes.

Do ponto da política interna do Projeto, o Banco de Dados permitirá efetiva integração entre as Equipes Regionais para que se possa estabelecer um processo que permita que as equipes se intercomuniquem não só no sentido da consulta ao Banco de Dados, mas também com vistas a alimentá-lo com novas informações e resultados das análises em desenvolvimento.

No que concerne a uma utilização mais ampla, de abrangência internacional, a intenção é de que este banco possa, facilmente, ser consultado pela *internet* e se venha a estabelecer a possibilidade de que os interessados possam interagir com os dados e com eles “dialogar” no sentido de construir a resposta às suas indagações.

### 3. O que o *corpus* nos tem revelado

A análise do *corpus* do Projeto ALiB vem permitindo a visualização de alguns aspectos da realidade linguística do português do Brasil, especialmente com relação aos dados registrados nas capitais de Estado, recorte selecionado pelo Comitê Nacional responsável pela coordenação do Projeto para a composição dos primeiros volumes a serem publicados.

Segundo, metodologicamente, os parâmetros da Geolinguística Pluridimensional Contemporânea, os dados coletados para o ALiB permitem a oposição entre indivíduos estratificados por idade, sexo e, no caso das capitais, por escolaridade e, conseqüentemente, a apreensão da

variação diageracional, diagenérica e diastrática, ao lado da diatópica — aspecto primordial na elaboração de atlas linguísticos. Possibilitam, assim, a análise dos dois aspectos aqui destacados: o registro de possíveis mudanças fônicas em curso no PB e a delimitação de áreas dialetais.

### 3.1 Mudanças em curso

Para exemplificar possíveis mudanças em curso citam-se dois fenômenos documentados nas capitais do Nordeste: (a) a redução de frequência das variantes oclusivas africadas palatais [tʃ, dʒ], depois de semivogal palatal, em vocábulos como  *muito, prefeito, doído* (QFF 077, 083 e 138, respectivamente), substituídas pela oclusivas dentoalveolares [t, d] e (b) a palatalização das oclusivas dentoalveolares diante de vogal anterior alta, como em  *tio, noite, dia, tarde* (QFF 131, 055, 056 e 062, respectivamente), propiciando realizações africadas palatais e oclusivas palatalizadas ([tʃ, dʒ])<sup>2</sup>.

Nos questionários utilizados para a recolha de dados para o ALiB (Cf. AGUILERA *et al.*), encontram-se os vocábulos acima citados, e outros com o mesmo contexto favorecedor dessas variantes, não só como temas de questões específicas do questionário fonético-fonológico (QFF), mas também como respostas a questões de outros questionários ou em conversas livres, resultantes de iniciativas do próprio informante ou de sugestões feitas pelo inquiridor, na parte final do inquérito, no registro dos “Temas para discurso semidirigido”, previsto na metodologia do Projeto ALiB.

Com relação ao primeiro caso, encontra-se, no questionário semântico-lexical, o vocábulo *confeito* (QSL 185), para bala, bombom. As variantes palatais diante de /i/, são documentadas em um grande número de vocábulos obtidos como respostas às questões do QSL, como, por exemplo, *ponte, prostituta, tiara, tempestade, redemoinho, diabo* (QSL 002, 142, 193, 011, 004 e 147, respectivamente).

Em conversas livres, podem ser registrados trechos como os transcritos a seguir, os dois primeiros em Aracaju, a uma informante feminina de faixa etária 1, de nível fundamental, o terceiro, em Natal, a uma informante feminina de faixa etária 1, de nível universitário.

<sup>2</sup> Os dados do Projeto ALiB referentes a esses casos foram analisados, sob orientação de Jacyra Mota, pelas bolsistas Andréa Mafra dos Santos (IC/UFBA-CNPq); Laiza Pinto, Milena Pereira de Souza e Mara Raaby Cândido Cruz (CNPq-balcão).

(a) *Muito* menino! Me deixou tudo *Doida!* — a propósito da questão: O que você fez ontem? (QMS 037), relatando a festa de aniversário que fizera para as filhas.

(b) *Coitado* desses povo que não tem *moradia!* — a propósito do QMS 034: Como é a vida das pessoas que não têm casa?).

(c) Uma coisa *marcante* é... a perda inesperada de meu irmão que ele *tinha vinte* e um anos de *idade* — no relato pessoal solicitado pelo inquiridor, ao final do inquirido

As realizações [t], [d], depois de semivogal palatal, embora identificadas como “africadas baianas” por Silva Neto (1979), não são características apenas do *falar baiano*, atingindo algumas áreas do *falar nordestino*<sup>3</sup>. A variante desvozeada ocorre também em Santa Catarina, como observa Furlan (1989, p. 135): “No açoriano-catarinense, o fenômeno limita-se à oclusiva surda /t/, quando vem precedida de vogal tônica + /j/ e seguida de vogal recuada, não havendo sido registrados casos para a sonora /d/”.

Nos dados do ALiB referentes às capitais do Nordeste, analisados por Mota e Mafra (2008), as realizações africadas nesse contexto se documentam com maior frequência e peso relativo mais elevado em Maceió, vindo a seguir, em ordem decrescente quanto a esses índices, Aracaju, Natal, João Pessoa, Recife e Salvador, cf. tabela 1, a seguir.

TABELA 1: africadas palatais depois de /j/ em capitais do Nordeste

Capitais	Nº ocor./ Total	%	Peso relativo
Maceió	276/456	60	0,88
Aracaju	84/316	26	0,56
Natal	28/149	18	0,49
João Pessoa	24/179	13	0,31
Recife	48/445	10	0,27
Salvador	32/322	9	0,22

Significância: 0,016

<sup>3</sup> Considera-se aqui a subdivisão de áreas dialetais proposta por Nascentes (1953).

Em Teresina, registraram-se apenas duas ocorrências, em elocuições espontâneas, e, em Fortaleza e São Luís, não se registrou nenhuma ocorrência das africadas palatais, nesse contexto.

Considerando que a maior frequência e os índices mais elevados de peso relativo de variantes palatais se encontram nas amostras de fala dos informantes de faixa etária II, em todas as capitais consideradas, admite-se estar havendo uma mudança em direção às variantes dentoalveolares, mais prestigiadas. Cf. tabela 2, a seguir.

TABELA 2: Africadas palatais depois de /j/ no Nordeste: variação diatópica e diageracional

Capitais	Faixa etária	Ocorrências		
		No. /Total	%	p. r.
Aracaju	Faixa I	17/121	14	0,43
	<b>Faixa II</b>	67/195	34	<b>0,67</b>
Maceió	Faixa I	36/154	23	0,57
	<b>Faixa II</b>	240/302	79	<b>0,95</b>
João Pessoa	Faixa I	4/68	5	0,19
	<b>Faixa II</b>	20/111	18	<b>0,43</b>
Recife	Faixa I	15/158	9	0,23
	<b>Faixa II</b>	33/287	11	<b>0,35</b>
Salvador	Faixa I	1/108	0	0,04
	<b>Faixa II</b>	31/214	14	<b>0,36</b>
Natal	Faixa I	1/79	1	0,05
	<b>Faixa II</b>	27/70	38	<b>0,72</b>

Significância: 0,000

Com relação a Salvador, essa mudança já havia sido observada por Mota e Rollemberg (1997), a partir da análise de dados do Projeto de Estudo da Norma Linguística Culta (NURC).

A mudança de africada palatal para oclusiva dentoalveolar depois de semivogal palatal se caracteriza como uma mudança de cima para baixo (Cf. LABOV 1994), tendo em vista o caráter estigmatizante da variante palatal, nesse contexto, e, conseqüentemente, a sua maior ocorrência em falantes com menor grau de escolaridade, mesmo nas capitais, como Maceió, em que a variante predomina nos dois grupos de falantes. Cf. tabela 3.

TABELA 3: africadas palatais depois de /j/ no Nordeste: variação diatópica e diastrática

Capitais	Escolaridade	Ocorrências		
		No. /Total	%	p. r.
Aracaju	Fundamental	80/168	47	<b>0,82</b>
	Universitário	04/148	2	0,12
Maceió	Fundamental	148/225	<b>65</b>	<b>0,90</b>
	Universitário	128/231	<b>55</b>	<b>0,86</b>
João Pessoa	Fundamental	16/106	15	0,46
	Universitário	08/78	10	0,35
Recife	Fundamental	43/258	16	<b>0,47</b>
	Universitário	51/187	2	0,12
Salvador	Fundamental	30/172	17	0,50
	Universitário	02/150	1	0,06
Natal	Fundamental	19/66	28	<b>0,63</b>
	Universitário	09/83	10	0,38

Significância: 0,000

Por outro lado, observa-se, nos dados do ALiB referentes ao Nordeste, que, em Aracaju, ao lado da rejeição às variantes africadas depois de semivogal palatal (como em *muntcho*, *dodjo*), os mesmos falantes — de faixa etária I e de nível universitário — preferem as variantes palatais (oclusivas ou africadas) diante da vogal alta /i/ (como em *tio*, *dia*, *noite*, *tarde*), como consta da tabela 4, que reúne resultados referentes a dados diageracionais e de escolaridade. Também nesse caso, admite-se estar havendo uma mudança de cima para baixo, motivada pelo prestígio das áreas em que a norma é a realização palatal.

TABELA 4: variantes palatais diante de /i/ em Aracaju

Variantes palatais diante de /i/ em Aracaju							
Faixa etária				Escolaridade			
1		2		Fundamental		Universitária	
%	p.r.	%	p.r.	%	p.r.	%	p.r.
31	0,47	11	0,17	3	0,04	36	0,53

Sigificância: Faixa etária = 0,001; Escolaridade = 0,000.

De referência à palatalização do /t,d/ diante de /i/, os dados do ALiB que vem sendo analisados mostram indícios de mudança também em Cuiabá e Florianópolis, com predominância da variante palatal entre os falantes mais jovens e com maior grau de escolaridade, tal como observado por outros pesquisadores como Palma (2005) e Pagotto (2004).

Quanto a Florianópolis, os resultados se afastam dos anteriormente levantados por Furlan, que, em texto de 1989, observava: “Não sofre, pois, nem africacão nem palatalização o /t/ de palavras como *leite, pente, pátio, tipitim, tio*, ótimo, *dia, diário, bate, pede*, que seriam africadas no falar carioca, nem *poitar, deitar*” (p. 136).

### 3.2 Delimitação de áreas dialetais

No que diz respeito às áreas dialetais, os dados das capitais já permitem algumas configurações e para esta exemplificação servimo-nos de dois tipos de informação, uma de cunho semântico-lexical e outra de ordem morfossintática.

Para o primeiro caso, baseamo-nos em resultados apresentados, em cartas experimentais, por Vanderci de Andrade Aguilera, por ocasião do IX *Workshop* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Salvador, julho, 2011). Tomam-se dois itens semântico-lexicais, “bala”, tipo de doce do gosto sobretudo das crianças, mas que frequenta, também, o dia-a-dia dos adultos, e “raiz de casca marrom e massa branca, que se come cozida”, muito comum em algumas regiões brasileiras no acompanhamento ao café da manhã, na feitura de bolos ou de purê servido com pratos salgados.

Para “bala”, como se observa na **Carta Bala (tipo de doce)**, registraram-se as denominações *bala*, *bombom*, *confeito*, *caramelo*, *queimado*. *Bala* apresenta-se como a forma de uso geral, documentada em, praticamente, todas as capitais. A presença de *bombom* delinea, muito claramente, uma isoglossa que põe, de um lado, a parte Norte do país, com registro em todas as capitais — Boa Vista, Macapá, Belém, Manaus, Rio Branco, Porto Velho —, estendendo-se, por algumas capitais do Nordeste, como já observado por Yida (2011). *Confeito* é tipicamente uma forma de uso no Nordeste, especificamente registrada em Natal, João Pessoa, Recife e Maceió. *Caramelo*, por sua vez, aparece em três capitais do Centro-Oeste — Cuiabá, Campo Grande e Goiânia. *Queimado* figura em uma única capital, Salvador.

Esses dados mostram: (i) a existência de uma denominação de uso geral em todo o país, *bala*, registrada, também, como denominação única nas Regiões Sudeste e Sul; (ii) delinham áreas dialetais muito especificamente marcadas — as áreas de *bombom*, *confeito* e *caramelo*; (iii) mostram, singularmente, em uma única capital — Salvador — a presença de *queimado*.

FIGURA 2: denominações para *bala* (tipo de doce)



Fonte: Carta experimental apresentada por Vanderci Aguilera no IX *Workshop* do Projeto ALiB (2011)

No que diz respeito à raiz de casca marrom e massa branca, que só se come cozida e não se confunde com outra, que lhe é similar<sup>4</sup> e usada para a produção de farinha, a conhecida farinha de mandioca, encontra-se documentada sob tríplice denominação, *macaxeira*, *mandioca* e *aipim*, como se mostra na **Carta Raiz de casca marrom e branca, que se come cozida**.

A distribuição cartográfica exhibe, com muita nitidez, três áreas: a área de *macaxeira*, que abrange todo o Norte e Nordeste, com destaque para Teresina, onde se fizeram presentes as três denominações; a área de *mandioca*, que recobre as Regiões Centro-Oeste e Sudeste; e, por fim, a área de *aipim*, que caracteriza o uso na costa brasileira, de Salvador a Porto Alegre, com exceção de São Paulo.

FIGURA 3: denominações para raiz de casca marrom e massa branca, que se come cozida



Fonte: Carta experimental apresentada por Vanderci Aguilera no IX *Workshop* do Projeto ALiB (2011)

<sup>4</sup> Essa, conhecida como mandioca brava, é provida de alto teor “de um glicosídeo cianogenético, chamado manihotoxina”, que “libera o ácido cianídrico, responsável pela intoxicação”. Informação obtida em <<http://www.fitoterapia.com.br/portal>>, em: 27 de novembro de 2011.

Os resultados da aplicação das perguntas 51 e 185 do Questionário semântico-lexical a que se reportam as duas cartas linguísticas apresentadas permitem uma primeira reflexão, ainda que parcial porque estamos tratando com dados exclusivamente das capitais dos estados: (i) o léxico é instrumento válido para delimitação dialetal; (ii) os dados específicos dessas duas cartas mostram a configuração de áreas dialetais que, submetidas ao que ditarem outros itens a serem ainda explorados, poderão permitir a configuração de isoglossas que marcarão grandes áreas dialetais brasileiras.

O exemplo que se traz de fato morfossintático diz respeito ao pronome de tratamento com que o falante se dirige ao seu interlocutor. É sabido que, no português brasileiro, se alternam os usos de *tu* e *você*, sem marca de hierarquia e, em certas situações, sem condicionamentos de natureza etária, estrática ou de gênero. Pelo menos assim é o saber geral. As informações fornecidas pelo Projeto ALiB — e convém relembrar, referentes ao que se documentou nas capitais — já estão permitindo uma visão fundamentada em dados empíricos que mostram a realidade diatópica, mas que também exibem as nuances dos usos segundo as variáveis sociais. Dessa realidade, mostra-se, neste artigo, a distribuição espacial na Carta **TU/VOCÊ- sujeito – Distribuição diatópica**.

FIGURA 4: TU/VOCÊ nas capitais do Brasil



Fonte: Carta experimental apresentada por Suzana Cardoso no IX *Workshop* do Projeto ALiB (2011)

Como se observa nos dados cartografados, a escolha do português brasileiro é de forma generalizada pelo pronome *você*. Os percentuais exibem a significativa preferência de uso em oito capitais — Fortaleza, Natal, Maceió, Salvador, Vitória, Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba —, nas quais os índices de ocorrência são superiores a 97%. Em dez outras capitais — Boa Vista, Rio Branco, Porto Velho, Teresina, João Pessoa, Recife, Aracaju, Cuiabá, Goiânia e Campo Grande — revela-se igual preferência e os índices flutuam entre 77% e 97%. O uso de *tu* comparece com baixos índices em dezoito capitais, nas quais não atinge 15%, e em quatro capitais onde oscila entre 15% e 34%, registrando-se, em Florianópolis, o percentual entre 35% e 55%. Em duas capitais, porém, ganha vulto a sua preferência: São Luís, onde atinge o patamar de entre 56% e 76%, e Porto Alegre que figura com o percentual entre 77% e 97%.

Do ponto de vista areal, é relevante assinalar que as áreas onde aflora preferência pelo uso de *tu* são as regiões mais aos extremos do país. De um lado, o Sul, com os dados de Porto Alegre, ponto mais representativo da preferência por *tu*; de outro, a Região Norte — Rio Branco, Manaus, Macapá e Belém — e mais significativamente São Luís do Maranhão, nos limites das Regiões Nordeste/Norte, que alcança o significativo percentual entre 55% e 76%. Por que esse perfil “dos extremos”? A resposta poderá vir quando somarmos os resultados gerais oferecidos pelo atlas linguístico do Brasil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações apresentadas tiveram por objetivo informar sobre o estágio atual do Projeto ALiB, e mostrar o tratamento que vêm recebendo os dados coletados e apresentar exemplos de resultados já espelhados. A essas informações soma-se a notícia de publicação dos primeiros volumes com uma introdução sobre o Projeto (histórico, metodologia, rede de pontos, questionários) com dados das capitais de estado apresentados em cartas fonéticas, semântico-lexicais, morfossintáticas e com estudos específicos sobre os fenômenos destacados, aspectos que, somados à possibilidade de audição da própria voz do informante, configuram o Atlas Linguístico do Brasil como um atlas de 3ª geração.

O ALiB pretende, assim, fornecer, ao lado da diversidade linguística e sua distribuição espacial, novos dados para a ampliação do conhecimento do português do Brasil também quanto a possíveis mudanças linguísticas em curso ou à relação entre a variação diatópica e a formação do português do Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade; ALTINO, Fabiane Cristina; ROMANO, Valter Pereira. Atlas Linguístico do Brasil: algumas variantes do léxico nas capitais. *Apresentação no IX Workshop do Projeto Atlas Linguístico do Brasil*, Salvador, jul. 2011.

AGUILERA, Vanderci; ARAGÃO, Maria do Socorro; CARDOSO, Suzana; MOTA, Jacyra; KOCK, Walter; ZÁGARI, Mário. *Atlas Linguístico do Brasil. Questionário 2001*: Londrina: UEL, 2001.

FURLAN, Oswaldo Antônio. *Influência açoriana no português do Brasil, em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1989.

LABOV, William. *Principles of linguistic change*. v. 1: Internal factors. Cambridge: Blackwell, 1994.

MOTA, Jacyra, ROLLEMBERG, Vera. Variantes africadas palatais em Salvador. In: HORA, Dermeval da (Org.). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997. p. 131-140.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

PAGOTTO, Emilio Gozze. *Variação e (é) identidade*. Maceió: UFAL; Salvador: UFBA, 2004.

PALMA, Maria Luíza Canavarros. O falar cuiabano em Mato Grosso – estigma, status e atalhos. In: ALMEIDA, Manoel Mourivaldo Santiago; COX, Maria Inês Pagliarini (Orgs.). *Vozes Cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso*. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005. p. 139-166.

SANTOS, Andréa Mafra Oliveira dos; MOTA, Jacyra Andrade (Orientadora). A variação diastrática no português do Brasil: palatalização das oclusivas dento-alveolares em inquiridos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. In: XV CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA, 2008, Montevideú. *Anais do XV Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina*, ALFAL, 2008. 1 CD ROM.

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. 3.a ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília; Instituto Nacional do Livro, 1979.

YIDA, Vanessa. *O campo semântico da alimentação e cozinha no Atlas Linguístico do Brasil – ALiB: um estudo lexical nas capitais*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Londrina, 2011.